

CLASSICAL
AND
BYZANTINE MONOGRAPHS

Edited by

M. JUSTINO MACIEL, CÁTIA MOURÃO AND JORGE TOMÁS GARCÍA

VOL. LXXXV

**IMAGENS DO *PARADEISOS* NOS
MOSAICOS DA HISPANIA**



ADOLF M. HAKKERT - PUBLISHER -AMSTERDAM
2016

**IMAGENS DO *PARADEISOS* NOS
MOSAICOS DA HISPANIA**



ADOLF M. HAKKERT - PUBLISHER -AMSTERDAM
2016

**IMAGENS DO *PARADEISOS* NOS
MOSAICOS DA HISPANIA**

© Editora ADOLF M. HAKKERT - PUBLISHER –AMSTERDAM, 2016

ISSN 1381-2955

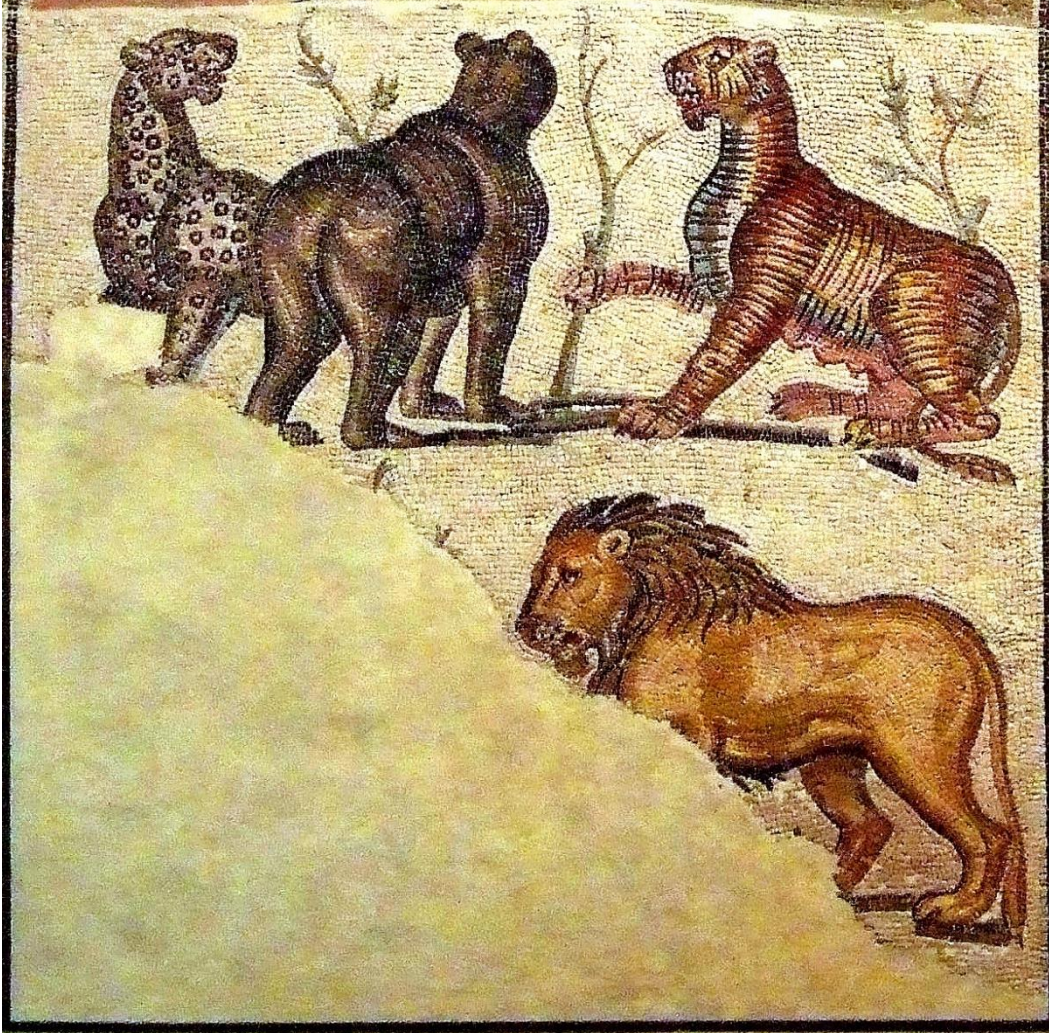
ISBN 978-90-256-1310-5

© M. Justino Maciel, Cátia Mourão e Jorge Tomás García (Edição)

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto UID/PAM/00417/2013.

Fotografia de capa: Mosaico de Orfeu. Siglos II-III. Museo de Zaragoza.

España 2016



IMAGENS DO *PARADEISOS*

NOS MOSAICOS DA HISPANIA

M. Justino Maciel, Cátia Mourão e Jorge Tomás García (edição)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8-9
IMAGENS DO <i>PARADEISOS</i> NOS MOSAICOS DA HISPANIA	
As muralhas da cidade terrestre e da cidade celeste na musivária hispano-romana Francine ALVES	11-23
Orfeo en los mosaicos de Oriente, de África, de Hispania y de Britannia José María BLÁZQUEZ	24-48
Le paysage nilotique, «paradis perdu» des pygmées dans les mosaïques romaines d’Hispanie Ismérie BOISSEL	49-65
O <i>thiasos</i> báquico rumo ao <i>paradeisos</i> . O exemplo do mosaico de Vale do Mouro (Coriscada, Meda) António Sá COIXÃO, Cristina Fernandes de OLIVEIRA e Virgílio Hipólito CORREIA	66-88
Vinculación de la belleza y la sensualidad femenina con el <i>paradeisos</i> , en los mosaicos hispanorromanos. Mercedes DURAN PENEDO	89-104
Do mosaico para o mármore: alguns casos de representação do <i>paradeisos</i> em suporte pétreo no <i>conuentus Pacensis</i> entre os séculos IV e VIII Jorge FEIO	105-119
Assenhorear-se da Natureza: o exemplo das figuras humanas de <i>Villa Cardílio</i> Maria de Jesus Duran KREMER	120-133
O acanto como planta excelsa do <i>paradeisos</i> . Relações entre o mosaico e a escultura na Antiguidade em Portugal Filomena LIMÃO	134-148
O <i>Paradeisos</i> no mosaico: <i>quod significat et quod significatur</i> M. Justino MACIEL	149-158
Imágenes del <i>paradeisos</i> en mosaicos de Itálica Irene MAÑAS ROMERO	159-178
Imágenes de la <i>Aura Ætas</i> en la musivaria hispánica Guadalupe LÓPEZ MONTEAGUDO	179-201

A vindima nos mosaicos hispano-romanos como expressão de um ecumenismo paradisíaco Cátia MOURÃO	202-224
El <i>paradeisos</i> acuático en los mosaicos de Hispania Luz NEIRA	225-244
A <i>Villa</i> romana do Rabaçal (Penela, Portugal) como <i>recessus</i> e o jogo das diferenças nas molduras dos mosaicos do Outono e do Inverno Miguel PESSOA	245-269
El jardín del <i>paradeisos</i> en los mosaicos de Hispania María Pilar SAN NICOLÁS PEDRAZ	270-288
O <i>paradeisos</i> vegetal nos mosaicos romanos do território português Licínia Nunes Correia WRENCH	289-303
VARIA	
Os mosaicos da Antiguidade Tardia em Portugal Virgílio LOPES	305-325
Os mosaicos da <i>ecclesia</i> de <i>Tongobriga</i> , paróquia da diocese portugalense no século VI António Carvalho de LIMA	326-365
Os mosaicos romanos nas colecções dos museus de Portugal. Itinerários: paraísos guardados, paraísos revelados Maria de Fátima ABRAÇOS	366-390
Unas notas sobre los mosaicos del taller Cuevas-Valdanzo y la economía ganadera del alto Duero durante el Bajo Imperio Jesús BERMEJO TIRADO	391-402

INTRODUÇÃO

Este livro resulta dos estudos empreendidos por vários Historiadores de Arte e Arqueólogos internacionais sobre as representações do *Paradeisos* nos Mosaicos da Hispânia, no âmbito da Linha de Arte Clássica e da Antiguidade Tardia do Instituto de História da Arte (IHA) da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Os primeiros resultados da investigação foram apresentados num encontro ibérico que contou com 20 especialistas e que decorreu nos dias 13 e 14 de Julho de 2011 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da UNL, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). A estes contributos iniciais, posteriormente juntaram-se outros de especialistas nacionais e estrangeiros, que permitiram alargar a visão sobre um tema tão lato e tão significativo no território peninsular. Graças a este trabalho em rede, o conhecimento que hoje temos sobre as representações do *Paradeisos* é muito mais profundo e abrangente, na medida em que não se limita à geografia ibérica mas contempla toda a extensão do antigo Império Romano e faz pontuais incursões em matérias complementares, trazendo perspectivas alargadas sobre a musivária tardo-romana e sobre a sua interação com outras expressões artísticas (nomeadamente a escultura).

No seu conjunto, a presente obra funciona como uma publicação rica, de visão sincrónica, diacrónica e interdisciplinar entre a História da Arte da Antiguidade e a Arqueologia, que não se restringe a um tema, a uma forma de arte e a uma leitura parcial, e que permite uma noção mais vasta e contextualizada dos objectos artísticos nos vários tempos e espaços em que se desenvolveram e foram assumindo como produtos e documentos civilizacionais, constituindo, hoje, um importante património da Humanidade.

Pela qualidade dos trabalhos que se dão a conhecer nesta publicação, cumpre-nos agradecer não só aos autores, mas também a todos colaboradores e, especialmente, às instituições que tornaram possível a concretização de todo o projecto. Não podemos, assim, deixar de destacar o empenho das Professoras Doutoras Guadalupe López Monteagudo e María Luz Neira (que connosco completaram a Comissão Científica), da

Dr.^a Ana Paula Louro (Comissária Executiva), da Dr.^a Carina Vicente (Secretária), , do IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, do Museu Nacional de Arqueologia (instituição visitada durante o Encontro) e da FCT.

M. Justino Maciel (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

Cátia Mourão (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

Jorge Tomás García (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**IMAGENS DO *PARADEISOS* NOS
MOSAICOS DA HISPANIA**

Os mosaicos romanos nas colecções dos museus de Portugal. Itinerários: paraísos guardados, paraísos revelados

Maria de Fátima ABRAÇOS*

Resumo

Foi prática comum até meados do século XX, por não haver apoio à protecção e manutenção dos mosaicos *in situ*, transportá-los para os Museus de modo a acautelar o seu desaparecimento ou destruição. Este procedimento permite-nos ainda hoje poder usufruir da beleza de algumas destas peças, proceder ao seu estudo, monitorizá-las e preservá-las para fruição futura. Foi o Museu Nacional de Arqueologia (MNA) que, devido ao esforço do seu primeiro Director, José Leite de Vasconcelos, e do seu sucessor, Manuel Heleno, recebeu, até 1948, o maior número de mosaicos. O nosso estudo debruçar-se-á sobre o modo como foram guardados e preservados os mosaicos das colecções dos nossos museus.

Palavras-chave

Mosaicos; museus; conservação; restauro; monitorização.

Os mosaicos romanos nas colecções dos museus de Portugal

Em Portugal, foi só a partir da segunda metade do século XIX que algumas figuras, individuais e institucionais, protectoras dos achados arqueológicos, tentaram dar a conhecer e salvaguardar os mosaicos que iam sendo descobertos. Eram destacados os tessellatos com os motivos figurativos, ou os *emblemata*, e colocados num suporte de gesso ou cimento e emoldurados para exposição. Este procedimento foi comum no País, conforme o atestam a mais de meia centena de fragmentos de mosaico do acervo do MNA, na sua maioria provenientes de estações arqueológicas descobertas no Algarve, aquando do levantamento para a *Carta Archeologica* desta região, realizado por Estácio da Veiga na segunda metade da década de setenta do século XIX.

* Historiadora de Arte (PhD). Investigadora e Membro integrado do IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa. Portugal.



Fig.1 - Fragmentos de mosaico emoldurados expostos no MNA até ao início da década de 80 do século XX. Foto: AFMNA.

Existem actualmente, em Portugal, trinta e sete museus que têm nos seus acervos fragmentos musivos, que, na sua maioria, não têm informações de descoberta e levantamento. Quando se escavavam estruturas com mosaicos, raramente se faziam registos minuciosos desses achados e da sua integração arquitectónica. Muitas vezes, eram retirados, pelos arqueólogos responsáveis das escavações, pequenos fragmentos dos tessellatos recém-descobertos e enviados a amigos, geralmente responsáveis pelas colecções de museus, que os recebiam como oferta ou mostruário do que ia sendo encontrado. A maior parte das vezes, estas peças, quando integravam as colecções de museus, não eram descritas, desenhadas ou fotografadas, nem recebiam número de inventário. Foram poucos os que nos deixaram registos escritos, gráficos ou fotográficos.⁷³⁹

Nas últimas décadas as equipas que têm trabalhado nos museus, bem como os investigadores que para o desenvolvimento de estudos, em mestrados e doutoramentos, têm procurado pesquisar nos arquivos documentação inédita e ajudado a resolver enigmas e revelar proveniências.

⁷³⁹ Sob a direcção de Estácio da Veiga, a pintora Amélie Claranges de Lucotte, sua esposa, e o desenhador Tavares Bello, entre outros, desenharam alguns dos mosaicos do Algarve, que são, em muitos casos, os únicos testemunhos dessas descobertas.

O “Paraíso” de José Leite de Vasconcelos

José Leite de Vasconcelos (1858-1941), fundador do Museu Etnográfico Português, criado por decreto de 1893, e seu primeiro Director, procurava trazer para o seu “Paraíso” todas as peças de valor que encontrava, ou recebia através de oferta ou adquiria de compra, e aí as expunha depois de estudadas. Foi assim que reuniu uma dezena de fragmentos de mosaicos romanos para a colecção do Museu, conforme o atesta o primeiro e único Livro de Registos do seu tempo.⁷⁴⁰

Leite de Vasconcelos gostava de mostrar todas as peças que guardava no Museu e por isso lamentava não ter espaço para expor todos os mosaicos: «o seu tamanho não permite sempre colocá-los na serie cronologico-geografica. O principal mosaico do Museu Etnologico é o mosaico do Orfeu⁷⁴¹, que ocupa o extremo do pavimento I ou rés-do-chão. Ha tambem mosaicos importantes da Povia de Cós (Alcobaça) e Almoçageme (Sintra), que por falta de espaço estão ainda encaixotados. No pavimento II estão expostos fragmentos grandes (quadros) com desenhos: hipocampo⁷⁴², peixes, figuras geometricas. Foi esta uma indústria que muito floresceu na Lusitania: em todas ou quasi todas as cidades havia mosaicos, tanto no Norte (por exemplo *Bracara*) e centro (por exemplo *Conimbriga*), como no Sul (por exemplo *Myrtilis* e *Balsa*), e não faltam povoações rurais nem *uillæ* em que eles aparecem igualmente»⁷⁴³. Lamentava, ainda, a inexistência de um catálogo, cuja publicação, no entanto, só se justificava se houvesse espaço para expor todas as peças à guarda do Museu, sendo que «estes 20 anos hão sido ocupados em o fazer e em o dispôr.»⁷⁴⁴

Leite de Vasconcelos, ao apresentar o mosaico de Póvoa de Cós, como sendo digno de conservação e estudo, referiu que: «em todos os paises civilizados se dá, effectivamente,

⁷⁴⁰ Para além do Livro de Registo de entradas, assinado por Leite de Vasconcelos, existe o Livro assinado por Manuel Heleno, iniciado a 1 de Setembro de 1951 com a entrada nº 8 143 e finalizado a 16 de Julho de 1973 com a entrada nº 8 248. Aqui apenas estão registadas 105 entradas, nenhuma das quais diz respeito a mosaicos.

⁷⁴¹ O mosaico do Orfeu, proveniente de Martim Gil, Leiria, esteve exposto no chão do Museu até ao início da década de 80 do séc. XX, tendo sido desmontado e os seus diferentes painéis (mais de quatro dezenas) colocados nas Reservas. Em 2002, o painel central, figurativo, integrou a exposição “Religiões da Lusitânia”.

⁷⁴² Em nota de rodapé, Leite Vasconcelos esclarece: «O mosaico do hipocampo (um pouco restaurado) foi publicado nas *Religiões*, III, 494, fig. 258. Da comparação d’essa figura com a que publiquei n’*O Arch. Port.*, VII, 318, vê-se que o mosaico é de Leiria, e não de Aramenha, como supunha quem o vendeu.» in LEITE DE VASCONCELOS, 1915, nota 1, p. 192.

⁷⁴³ LEITE DE VASCONCELOS, 1915, pp. 191-192. Sobre os mosaicos do Museu Nacional de Arqueologia ver ABRAÇOS, 2005, Anexo I, fichas 107 a 357.

⁷⁴⁴ *Idem*.

grande apreço aos mosaicos: eu tenho-os visto conservados e resguardados com todo o carinho em vários museus, como nos de Barcelona, Madrid, Paris, Lião de França, Berlim, Dresde, Colónia, Tréveros, para não citar outros. [...] Mas infelizmente [em Portugal], por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidadosamente destruidas, para se satisfazer algum fim immediato».⁷⁴⁵

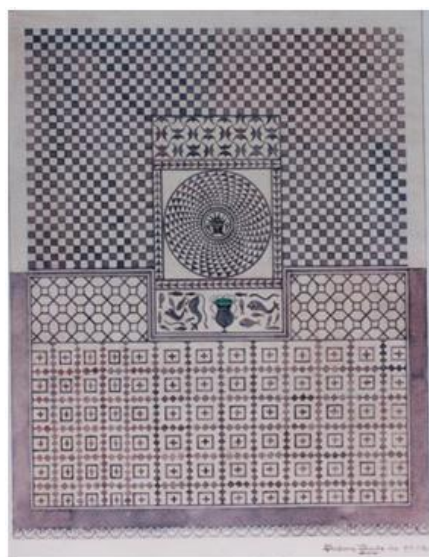


Fig. 2 – Mosaico de Póvoa de Cós. Apesar deste mosaico se reduzir, actualmente, ao painel central e alguns fragmentos do campo, a sua reconstituição total é possível graças ao desenho de Guilherme Gameiro, realizado a partir de um esboço feito por Leite de Vasconcelos aquando da primeira visita ao local, poucos dias depois de ter tido conhecimento do achado, em 1902. Foto: AFMNA.

Ainda sobre este mosaico Leite de Vasconcelos referiu que: «alem do seu valor geral como documento artístico, o mosaico tem, em particular, muito merecimento historico e archeologico, já porque se relaciona com outras antiguidades romanas, algumas da mesma espécie, apparecidas por toda aquella região (Alcobaça, Porto de Mós, Leiria), já que são muito poucos os mosaicos que, em troços grandes como este, e de mais a mais com figuras, existem em Portugal.» O autor defendeu também que o mosaico deve ser considerado monumento nacional, pois «corre o risco de se perder completamente, em virtude do notorio vandalismo do nosso povo» e que o terreno onde então ainda se encontra *in situ* deveria ser expropriado para que, em volta do mosaico, se construísse

⁷⁴⁵ LEITE DE VASCONCELOS, 1903, p. 149.

um edifício «que o defenda da acção nefasta dos agentes naturaes e da barbárie dos homens.»⁷⁴⁶

Héron de Villefosse, director da secção de arqueologia grega e romana do Museu do Louvre, enviou a Leite de Vasconcelos uma carta datada de 13 de Agosto de 1902, apoiando a conservação deste mosaico: «Vous avez bien raison de réclamer la conservation de la mosaïque de Alcobaça. Les mosaïques romaines sont des oeuvres très précieuses: notre Académie a pensé à en publier le Corpus; se serait un travail on ne peut plus utile».⁷⁴⁷

A direcção do Museu português resolveu «adquirir o referido mosaico, o que já conseguiu, procedendo-se na ocasião presente ao arrancamento do mesmo e seu transporte para Belem, onde o museu está instalado. Assim se salvou esta preciosidade archeologica, que estava arriscada a perder-se, - e irremediavelmente se perderia! o nosso país, já tão desacreditado perante os estrangeiros, evitou d'este modo mais uma vergonha nacional.»⁷⁴⁸ Leite de Vasconcelos preocupou-se em adquirir, restaurar e consolidar a maioria destas peças para as mostrar ao público no Museu, divulgando-as também na revista que lançou: *O Arqueólogo Português*.

O legado de Manuel Heleno

Em 1929, Leite de Vasconcelos aposentou-se. Assumiu a direcção científica e administrativa do Museu o seu antigo conservador, discípulo e sucessor nas Cadeiras de Numismática e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: o Dr. Manuel Domingues Heleno, Júnior (1894-1970).

Em 1947, aquando da descoberta dos mosaicos da *uilla* romana de Torre de Palma, Manuel Heleno, como Director do Museu, dirigiu os trabalhos de escavação (1947-1956). Seguindo as sugestões da Carta de Atenas, procurou colaboração internacional e pediu autorização para fazer deslocar a Portugal uma equipa de técnicos italianos especializada em restauro e conservação de mosaicos, para proceder ao levantamento, consolidação, restauro e sua colocação no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, actual Museu Nacional de Arqueologia. Quanto ao restauro de mosaicos, seguiu os

⁷⁴⁶ *Idem*, pp. 146-149.

⁷⁴⁷ *Idem*, p. 284.

⁷⁴⁸ *Apud ibidem*.

princípios normativos das cartas de restauro e os modelos franceses e italianos, optou por usar os métodos e os materiais recomendados na transposição dos tesselatos, dos antigos suportes originais para suportes modernos.

As primeiras tentativas de levantamento de mosaicos não tiveram muito sucesso, tendo os mosaicos perdido muito do seu aspecto original. Em Portugal, só a partir de 1947 se assistiu ao levantamento dos mosaicos e ao seu assentamento em suporte de cimento, de uma forma mais científica, conforme os conhecimentos adquiridos pelos nossos trabalhadores no contacto com a equipa de restauro de Florença, chamada para proceder ao levantamento e restauro dos mosaicos de Torre de Palma.⁷⁴⁹

Este novo método foi posto em prática nos mosaicos de Conimbriga por uma equipa dirigida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), bem como noutros mosaicos. No entanto, a metodologia e prática ensinadas pela equipa de Florença, defendidas pelos restauradores europeus e confirmadas na Carta de Veneza, revelaram-se negativas, pelo que, na década de sessenta do século XX, assistimos a uma mudança tecnológica para a aplicação de suportes ligeiros. Em Portugal, esta nova técnica começou a ser utilizada apenas a partir da década de oitenta do séc. XX.

Os métodos mais recentes foram aplicados nos mosaicos da colecção do MNA. Os mosaicos de Torre de Palma foram os objectos da experiência: da aplicação do primeiro método, aquando do seu levantamento, em 1947, e da aplicação do segundo método, quando em 1982, devido à remodelação do MNA, os mosaicos foram levantados e retirados os seus suportes de cimento armado. O mosaico das Musas e o mosaico dos Cavalos, entre outros, receberam, na oficina de restauro de Conimbriga, um novo suporte ligeiro reversível.

⁷⁴⁹ ABRAÇOS, M. F. (2005) “Para a História da Conservação e Restauro do Mosaico Romano em Portugal. Manuel Heleno e a equipa de restauro de mosaicos do *Opificio delle Pietre Dure* de Florença”. *O Arqueólogo Português*, série IV, volume 23, pp. 417-435. Ver ainda actualização in ABRAÇOS, M. F. (2010) “The team of Opificio delle Pietre Dure of Florence and the lifting, consolidation and restauration of the mosaics of the roman villa of Torre de Palma, Portugal”. *Ravenna Musiva. Conservazione e restauro del mosaico antico e contemporâneo. Atti del primo convegno internazionale Ravenna 22-24, ottobre 2009*, pp. 187-206

Distribuição dos mosaicos nas colecções de Museus

A Norte do Tejo são vinte e seis os museus, incluindo neste número os museus de Lisboa, que guardam nas suas colecções cerca de três centenas e meia de fragmentos de mosaico. A Sul do Tejo, onze conservam meia centena destas peças.

Lista dos museus que guardam nas suas colecções fragmentos de mosaico romano

Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa, Braga	Museu Municipal de Arqueologia da Amadora
Museu dos Biscainhos, Braga	Museu Arqueológico de Loures
Museu Pio XII, Braga	Museu da Cidade, Lisboa
Museu do Cabido da Sé de Braga	Museu do Teatro Romano, Lisboa
Museu da Soc. Martins Sarmiento, Guimarães	Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa
Museu da região Flaviense, Chaves	Museu do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa
Museu de Arte Sacra do Porto	Museu Biblioteca Nacional de Lisboa
Museu Municipal do Porto	Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
Museu de Etnografia e História do Porto	Museu Arqueológico de Évora
Museu Antropológico do Porto	Museu Municipal de Estremoz
Museu do Caramulo	Museu Biblioteca da Casa de Bragança, Vila Viçosa
Museu Santos Rocha, Figueira da Foz	Museu Municipal de Elvas
Museu Joaquim Tavares Proença Júnior, Castelo Branco	Museu Rainha D. Leonor, Beja
Museu Machado de Castro, Coimbra	Museu Municipal de Portimão
Museu Monográfico de Conímbriga, Condeixa	Museu Municipal de Arqueologia de Loulé
Museu do Rabaçal	Museu Municipal de Albufeira
Museu de Tomar	Museu Municipal de Faro
Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, Sintra	Museu Municipal de Lagos
	Museu de sítio de Vilamoura

O Museu Nacional de Arqueologia, devido ao esforço do seu primeiro Director, o Dr. Leite de Vasconcelos, e do seu sucessor, o Dr. Manuel Heleno, recebeu até 1948 mosaicos provenientes de 45 sítios⁷⁵⁰ do actual território português, sendo dois do *Conuentus Bracaraugustanus*, dez da área de jurisdição do *Conuentus Scallabitanus* e trinta e três oriundos de sítios da área do *Conuentus Pacensis*.

Os mosaicos romanos em colecções de museus a Norte do Tejo.

Em Braga, o Museu D. Diogo de Sousa (MDDS) guarda uma colecção de mosaicos provenientes, na sua maioria, desta cidade: Cividade, Seminário de Santiago, Cerca, Cardoso da Saudade, Carvalheiras, Casa da Roda, Sé, quarteirão da Rua Gualdim Pais,

⁷⁵⁰ ABRAÇOS, 1999, p. 397. A autora publica um Mapa com a localização dos sítios arqueológicos de onde provêm mosaicos representados na colecção do Museu Nacional de Arqueologia.

Quinta do Fujacal, Quintal de Fernando Castiço e São Martinho de Dume. Nestes sítios foram descobertos mais de 50 fragmentos de mosaico.⁷⁵¹

O conhecimento destes sítios deve-se ao trabalho desenvolvido desde 1976, ano em que foi criado o Campo Arqueológico de Braga, encarregado de proceder a salvamentos na área urbana e de verificar a extensão da cidade romana. Entre 1976 e a actualidade foram realizadas dezenas de intervenções arqueológicas no perímetro urbano de Braga, o que permitiu cartografar vestígios, recolher espólio, avaliar o tipo de construções que se distribuem pela cidade. Numerosos foram os salvamentos decorrentes quer de solicitações da Câmara Municipal, quer do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), quer ainda da Universidade do Minho. As intervenções assumiram um carácter preventivo de registo e avaliação de vestígios para posterior construção, incluindo-se neste grupo a maior parte das escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia.

Excluindo as intervenções arqueológicas de emergência, tem sido prática das diferentes equipas que trabalham em Braga conservar *in situ* as estruturas e os mosaicos descobertos durante as escavações, tal como sucedeu com os mosaicos da casa romana (hoje na cripta) do MDDS⁷⁵², cujas estruturas se encontram situadas ao nível friático. Durante a construção do edifício do Museu foi feito um isolamento especial desta área, mas não foi o suficiente para dar resposta a sucessivas inundações. Uma camada de lama ficou depositada sobre os pavimentos e este ambiente húmido contribuiu para uma alteração da superfície do tessellato. Em 2003, foi então reforçado o muro de protecção das estruturas da casa de que fazem parte estes painéis musivos e procedeu-se, a partir de Abril de 2004, à remoção das areias e das lamas que cobriam os mosaicos. Quando pretendemos caracterizar os materiais destes pavimentos e do seu suporte, tivemos alguma dificuldade no seu reconhecimento, pelo que resolvemos retirar amostras de diferentes pontos do assentamento dos pavimentos musivos e de algumas tesselas que os compõem, para uma análise mineralógica.⁷⁵³

⁷⁵¹ Os mosaicos da região de Braga são na sua maioria decorados com motivos geométricos, exceptuando um núcleo de 13 fragmentos, que se apresenta decorado com fauna marinha. Até agora são conhecidos em Braga cinco sítios arqueológicos romanos que apresentam mosaicos decorados com este tema.

⁷⁵² ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 1.

⁷⁵³ ABRAÇOS, 2005, pp. 167-172.



Fig. 3 – Aspectos dos painéis musivos da casa romana da cripta do Museu D. Diogo de Sousa.
Reconstituição da moldura da boca de drenagem.

Um dos painéis musivos é constituído por um tabuleiro, em que as casas apresentam cruzeta ao centro, em oposição de cores. Aqui, os quadrados com tesselas de um material de cor escura alternam com quadrados que pareciam ser de argila compactada e apresentam, ao centro, uma cruzeta de quatro tesselas com a mesma constituição das casas que se lhe opõem; os outros quadrados apresentam também uma cruzeta ao centro, mas em negativo porque as tesselas desapareceram. No seu lugar existe uma massa pastosa de cor amarelada, que observada à lupa binocular mostrou ser de areia de granito. O ambiente húmido em que se encontravam estas tesselas e o contacto com granito terão alterado a sua consistência. O outro painel é decorado com quadrícula de linhas de ampulhetas em alternância: ampulhetas em positivo, com tesselas de granito, alternam com ampulhetas em negativo, que seriam preenchidas com tesselas de calcário. As cerca de trinta tesselas de calcário, que ainda existem *in situ*, apresentam-se muito frágeis, mas são as únicas que conseguiram resistir a um ambiente húmido e ácido.

Na grande maioria dos casos, têm sido os técnicos de restauro do MDDS a proceder à limpeza e consolidação dos mosaicos descobertos nesta cidade, não só no que diz respeito aos mosaicos que permanecem *in situ*, mas também aos de diferente proveniência que são depositados nas reservas do museu. Seguindo uma prática de intervenção mínima, todos os exemplares musivos que têm dado entrada no laboratório deste museu têm sido limpos, inventariados, consolidados (tanto os tesselados como os suportes) e mantida a sua constituição original.

Ainda em Braga, o Museu dos Biscainhos é proprietário de um mosaico com decoração ictiológica que se pensa ser também proveniente do Seminário de Santiago⁷⁵⁴. Foi consolidado e colocado sobre um suporte de argamassa moderna com 1 cm de espessura e apresenta a mesma técnica de assentamento do mosaico exposto no Museu Pio XII, também decorado com motivos marinhos, proveniente do claustro do Seminário de Santiago. Este mosaico do Museu Pio XII foi levantado pela equipa de Conimbriga e recolocado sobre um novo suporte de argamassa moderna, encontrando-se actualmente exposto no Museu. Quando do seu levantamento ficou muito fragmentado, tendo o tessellato sido colocado sobre suporte de cimento, mais tarde para recolocação num outro de menor espessura⁷⁵⁵.

Em Guimarães, o Museu da Sociedade Martins Sarmento guarda um conjunto de vinte e um fragmentos de mosaicos, sem registo de proveniência, resultado da recolha feita, ao longo de anos, pelo arqueólogo e investigador bracarense Albano BELLINO. Pelo que entendemos da informação de Leite de Vasconcelos pensamos que estes fragmentos serão provenientes do quintal de Fernando Castiço: «No quintal da casa de Fernando Castiço ha um tanque rectangular de granito de 5,33m de comprimento e 3,97m de largura e 1,86m de profundidade *plus minus*, [...] o chão d'essa parte é coberto de tijolo e ainda em certos pontos é forrado de mosaico; a parede a-c é também forrada de mosaico, que assenta num tijolo. Os desenhos ainda existentes consistem em peixes de várias cores. Merecia a pena conservar este fragmento, porque não sei de outros mosaicos aparecidos em Braga. Fernando Castiço era erudito e tinha gosto da Arqueologia e Numismática, por isso, o tanque de que vos falo estava resguardado com um coberto e havia nas paredes do quintal várias inscrições romanas que Albano Bellino estudou numa obra sua vinda a lume em 1895. O quintal era um núcleo de Museu»⁷⁵⁶.

Alguns anos mais tarde Leite de Vasconcelos afirmou que: «já conhecia um mosaico bracarense no quintal de Fernando Castiço: vid. *O Arch. Port.*, XXIII, 358-359. O que não sei é se este mosaico fazia parte de algum dos das Carvalheiras, levado para lá, ou era outro diferente.»⁷⁵⁷ Esta informação confirma que o quintal de Fernando Castiço servia de depósito de material arqueológico, mas também era o local de proveniência de

⁷⁵⁴ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 24.

⁷⁵⁵ *Idem*, ficha 25.

⁷⁵⁶ LEITE DE VASCONCELOS, 1918, pp. 358-359.

⁷⁵⁷ *Idem*, pp. 164-165.

mosaicos. Segundo Rigaud de Sousa, que escavou no local, este é seguramente o mesmo sítio do Cardoso da Saudade, no Largo de S. Paulo.⁷⁵⁸

Em vida, Albano Bellino manifestou interesse na constituição de um espaço onde pudesse guardar e colocar à disposição dos investigadores todo o espólio arqueológico que recolheu, conforme ficou registado no jornal *Comércio do Minho*: «Entregue a toda a serie de sacrificios temos, como nenhuma terra, um archeologo incansavel, o snr. Albano Bellino que, apesar da indiferença geral dos bracarenses, vae recolhendo no seu museu particular todos os monumentos mais valiosos de Braga, não podendo ainda assim, por falta de auxílio, completar a sua obra de preservação de tudo o que vae apparecendo e do mais que se conserva occulto em locaes bem conhecidos, bastando para estes o alvião. Pede o snr. Albano Bellino uma casa apropriada para expôr ao estudo dos sabios e ao exame do publico em geral, essa rica colecção, mas não surge quem o comprehenda, quem ame com fervor esta terra, livrando-a da vergonha que ha tanto pesa sobre os seus habitantes mais illustres. Pois é pena que não se aproveite a boa vontade de um homem competente.»⁷⁵⁹

Segundo Mário Cardozo⁷⁶⁰, em Janeiro de 1907 (um ano depois da morte de Albano Bellino), grande parte do material arqueológico recolhido ao longo dos anos por este investigador foi entregue pela viúva ao Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento. Deste material fazia parte um núcleo de fragmentos de mosaico, todos em *opus tessellatum*⁷⁶¹. Nove dos fragmentos parecem pertencer ao mesmo mosaico, a avaliar pelos motivos decorativos, técnica de execução, densidade, dimensão, material e cor das tesselas. A fragmentação do mosaico, bem como os suportes, que embora apresentem argamassas com a mesma constituição, mas com espessuras, oscilam entre 2,5 e 11 cm, mostram as dificuldades no acto do levantamento do mosaico.

⁷⁵⁸ RIGAUD DE SOUSA, 1970, pp. 57-64

⁷⁵⁹ Albano BELINO, in *Comércio do Minho*, 15-10-1904, apud OLIVEIRA, 1998, p. 109.

⁷⁶⁰ CARDOZO, 1985, p. 13.

⁷⁶¹ ABRAÇOS, 2006, fichas 27 a 47.

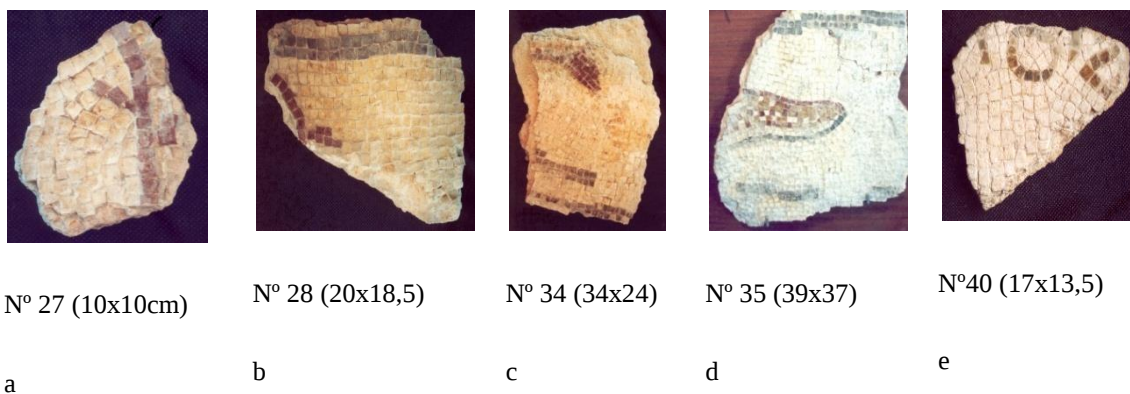


Fig. 4 (a-e) – Apresentamos aqui alguns dos exemplares desta colecção. Fotos: Maria de Fátima Abraços.

Destes nove fragmentos, sete apresentam motivos de linhas paralelas horizontais como representação da água⁷⁶². O fragmento, com o nosso nº 27 parece mostrar o caule de uma flor de água. Os restantes apresentam decoração ictiológica e o nº 40 uma inscrição.

Ainda a Norte, o Museu da Região Flaviense, instalado no edifício dos Paços do Duque de Bragança, na cidade de Chaves, tem exposto cinco pequenos fragmentos policromos, geométricos com tesselas de calcário (as dimensões oscilam entre 10 e 7 cm), provenientes da Granjinha, Valdanha, Chaves⁷⁶³.

Na cidade do Porto, o Museu de Arte Sacra expõe dois fragmentos de mosaico: um, proveniente de Frende, em Baião⁷⁶⁴, revestia a tampa de uma sepultura e apresenta um cântaro e inscrição. Embora incompleto, encontra-se em bom estado de conservação e integra a exposição permanente⁷⁶⁵. O outro é um pequeno fragmento do mosaico encontrado em Fontão de Antela, Lavra, Matosinhos. Também o Museu Municipal do Porto guarda um fragmento de mosaico proveniente de Fontão de Antela. O Museu Antropológico do Porto apresenta pequenos fragmentos de mosaico bicromo

⁷⁶² ABRAÇOS, 2005, Anexo I, fichas 28 a 36.

⁷⁶³ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 427.

⁷⁶⁴ *Idem*, ficha 48.

⁷⁶⁵ O caso da tampa sepulcral revestida a mosaico não é isolado no Norte de Portugal. Encontram-se documentadas sepulturas idênticas em Covelinhas (Peso da Régua), que foram destruídas. Russel Cortez refere a destruição de uma sepultura com tampa em mosaico aquando do alargamento do adro da capela do Senhor da Boa Passagem, enquanto Correia de Azevedo refere a destruição de vários mosaicos tumulares romanos durante a abertura da via férrea do Douro. (RUSSEL CORTEZ, 1946, pp. 28-29). Em 1991 foi posta a descoberto outra tampa com mosaico em S. Martinho de Dume, Braga, depositada no MDDS, com o número de inventário 1992.0075. Também neste museu se encontra temporariamente depositado outro fragmento de tampa proveniente da Várzea do Douro, em Marco de Canavezes, encontrada em 1994. Carlos Alberto Ferreira de Almeida divulgou uma notícia do séc. XIX referindo o aparecimento de sepulturas semelhantes no sopé do monte do Castro, em Vila Boa de Quires, Marco de Canavezes (FERREIRA DE ALMEIDA, 1972, pp. 113-136).

provenientes da Quinta da Barradinha, Stº. Estevão, Alenquer, que foram oferecidos ao Museu por Raposo Alte⁷⁶⁶.

Mais a Sul, o Museu do Caramulo tem em exposição um pequeno fragmento de mosaico policromo de pequenas dimensões e de proveniência desconhecida.

Na Figueira da Foz, o Museu Municipal Santos Rocha exhibe fragmentos de mosaico recolhidos por Santos Rocha no concelho da Figueira da Foz, nas Beiras e no Sul do País, em finais do séc. XIX e início do séc. XX. Fazem parte desta colecção fragmentos de mosaico recolhidos em Figueira de Castelo Rodrigo; Ançã, Cantanhede; Senhora do Desterro, Montemor-o-Velho; Boca do Rio Budens, Vila do Bispo e de Milreu, Estói, Faro⁷⁶⁷.

Em Castelo Branco, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior preserva uma pequena colecção doada pelo seu fundador, composta por sete pequenos fragmentos de mosaico provenientes de Conimbriga, sem proveniência exacta do seu contexto arqueológico e que por se encontrarem em mau estado de conservação, os responsáveis por este museu enviaram, em 2003, à oficina de restauro de Conímbriga para consolidação dos suportes e tratamento do tessellato⁷⁶⁸.

Em Coimbra, o Museu Nacional Machado de Castro, criado em 1912, recebeu o espólio do Museu Arqueológico do Instituto de Coimbra, instituído em 1874. Gabriel Pereira refere a existência no Catálogo deste Museu de «alguns fragmentos de mosaicos e de escultura em parte provenientes do Alentejo (Estremoz, Évora), onde, especialmente os mosaicos romanos, tais antiquilhas não são raras.»⁷⁶⁹

Tendo em conta as palavras de Gabriel Pereira e as informações contidas no Catálogo antigo, cremos que os fragmentos de mosaico apresentados nas fichas antigas do Museu Machado de Castro, com os números 103 a 117, que mostram quinze fotografias a preto e branco de fragmentos (que pela técnica de execução e decoração parecem pertencer todos ao mesmo mosaico) poderão ser provenientes do Alentejo, talvez de Estremoz ou Évora. Não sabemos, portanto, qual a proveniência exacta destes mosaicos, nem onde se

⁷⁶⁶ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, fichas 48-51.

⁷⁶⁷ *Idem*, fichas 52 a 57 A.

⁷⁶⁸ *Idem*, fichas 58-64.

⁷⁶⁹ PEREIRA, 1934, pp. 79-83.

encontram actualmente. A informação de Bairrão Oleiro⁷⁷⁰ relativa a fragmentos de mosaicos bicromos e policromos que se encontram neste museu e que talvez possam corresponder aos registos do *Catálogo dos Objectos Existentes no Museu de Archeologia*, do Instituto de Coimbra, assegura-os como tendo as seguintes proveniências: dois bicromos de Condeixa-a-Velha, e dois policromos das ruínas de Cetóbriga e de S. Miguel de Machede, no Alentejo. Estas informações poderão, de algum modo, ajudar a esclarecer e a revelar a proveniência mais exacta destes fragmentos.⁷⁷¹

O Museu Monográfico de Conímbriga (MMC) tem em exposição permanente dois mosaicos que se encontram colocados no chão de uma das salas; um é um grande fragmento de mosaico geométrico, bicromo, composto por uma quadrícula de linhas de ampolhetas e de quadrados tangentes em oposição de cores, com grandes quadrados direitos inscritos ao centro. Alguns destes quadrados são decorados com rosetas sexifólias, moinhos, peltas afrontadas, cântaros e *simpulum*. O outro é também um grande fragmento de mosaico, mas é policromo e decorado com labirinto muralhado e o Minotauro. Estas peças têm os números A1 e A2 do inventário do Museu. Juntamente com estes, encontravam-se expostos também os mosaicos com os números A18 e A19, que na última remodelação do Museu foram movidos para a entrada das ruínas, junto à portaria e que poderão ser provenientes da sala C6 da casa de *Cantaber*. Há também a registar oitenta e dois pequenos fragmentos de mosaico das termas augustanas, que se encontravam acondicionados nas gavetas das reservas do MMC e que foram apresentados, pela primeira vez, por Cristina Oliveira no Congresso de Arqueologia, em Faro, em Setembro de 2004. Os restantes pavimentos musivos de Conímbriga revestem as salas das casas ditas da “Cruz Suástica”, dos “Esqueletos”, de “*Cantaber*”, do “Tridente”, da “Casa dos Repuxos” e das Termas Augustanas e Trajanas.

Como já referimos, existem outros fragmentos de mosaicos provenientes de Conímbriga e que fazem hoje parte do acervo de alguns museus do nosso país: Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra; Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz; Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco; Museu do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa e Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

⁷⁷⁰ OLEIRO, 1973, p. 9.

⁷⁷¹ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, fichas 65-92.

O Espaço-Museu do Rabaçal preserva milhares de tesselas avulsas de calcário e muitas argamassas de assentamento, sendo cerca de trinta quilos de tesselas limpas sem argamassas, provenientes da zona rústica da *uilla*; outras tesselas soltas resultantes das limpezas dos mosaicos feitas desde 2005; tesselas soltas de vidro expostas na vitrina XV do Museu; um mosaico policromo geométrico, com tesselas de calcário, exposto na mesma vitrina, e ainda um fragmento de mosaico bicromo, com tesselas de calcário branco e cinza⁷⁷².

No Convento de Cristo, em Tomar, encontra-se depositado um fragmento de mosaico policromo decorado com motivos marinhos, proveniente de São Pedro de Caldelas, Madalena, Tomar. No campo ainda é possível ver-se a parte traseira de um crustáceo. A bordadura é decorada com meandros de suásticas. Quando o mosaico foi levantado, em data que desconhecemos, perdeu-se uma parte do tesselato, impossibilitando a leitura dos motivos que o decoravam⁷⁷³.

O Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas guarda tesselas e pequenos fragmentos de mosaico provenientes de Castelo da Catribana, S. João das Lampas (apenas uma tessela); de Limites de *Abremum*, em Montelavar, Sintra (mais de uma centena de tesselas de calcário); da Granja dos Serrões, em Pêro Pinheiro, Sintra (alguns milhares de tesselas brancas com contornos ainda vivos); de Santo André, em Almoçageme, Sintra (três fragmentos de mosaico policromo, geométrico, que devem pertencer ao mosaico do peristilo levantado em 1905, aquando da abertura da estrada Almoçageme-Rodízio e que terá dado entrada no MNA, desconhecendo-se hoje o seu paradeiro); de um sítio junto à casa das Selecções, em Almargem do Bispo, Sintra (inúmeras tesselas avulsas); de Abóbodas (algumas tesselas com vestígios de argamassa de assentamento) e também dezoito pequenos fragmentos de mosaico recolhidos por D. Fernando de Almeida, mas sem proveniência especificada⁷⁷⁴.

O Museu Municipal de Arqueologia da Amadora apresenta, na sua colecção, tesselas e fragmentos de mosaico provenientes da *Villa* da Quinta da Bolacha, Falagueira, Amadora (fragmento de mosaico policromo e grande quantidade de tesselas soltas policromas de calcário e algumas em basalto e ainda 3 em vidro azul). «Estas tesselas surgem, em grandes quantidades, desde a superfície até cerca de 2 metros de

⁷⁷² ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 422-426.

⁷⁷³ *Ibidem*, ficha 428.

⁷⁷⁴ Cfr. CAETANO, 1992 e CAETANO, 1997.

profundidade, onde estão reconhecidos contextos romanos de meados do séc. III até meados do séc. IV, confirmando a existência de mosaicos, em época romana, mas que se encontram irremediavelmente destruídos.»⁷⁷⁵

O Museu Arqueológico de Loures guarda um conjunto de pequenos fragmentos de mosaico recolhidos ao longo das várias campanhas de escavação (1997-2005) na *uilla* romana de Frielas, em Loures. Existe ainda um fragmento policromo geométrico com suporte original, em bom estado de conservação, incompleto, encaixilhado num suporte de Icosit (46,5 x 50,5 cm)⁷⁷⁶.

Os mosaicos romanos em colecções de museus da cidade de Lisboa

São seis os museus da cidade de Lisboa que guardam, nas suas colecções, fragmentos de mosaicos: o Museu da Cidade conserva algumas tesselas encontradas na Casa dos Bicos⁷⁷⁷; o Museu do Teatro Romano preserva alguns fragmentos e tesselas, sendo um pequeno fragmento bicromo com inscrição proveniente do Palácio do Correio-Mor (1992); dez fragmentos de mosaico bicromo e várias dezenas de litros de tesselas brancas e pretas provenientes da Rua dos Correeiros, em Lisboa⁷⁷⁸; o Museu Arqueológico do Carmo apresenta dois fragmentos de proveniência desconhecida, conforme mostramos mais adiante⁷⁷⁹; o Museu do Palácio Nacional da Ajuda mantém o fragmento de mosaico proveniente de Conímbriga, que apresentamos *infra*; o Museu de Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa detém nove pequenos fragmentos oriundos de sítios arqueológicos do Sul do País⁷⁸⁰; e o Museu Nacional de Arqueologia preserva duzentos e cinquenta fragmentos procedentes de todo o País⁷⁸¹, sendo vinte e um do Norte⁷⁸² e cento e noventa e oito de sítios arqueológicos situados a Sul do Tejo⁷⁸³. Dos restantes, cinco são provenientes do estrangeiro, mais propriamente da Síria⁷⁸⁴ e vinte e seis de proveniência desconhecida⁷⁸⁵. Esta colecção é constituída, na sua maioria, pelo conjunto de mosaicos que resultou das campanhas de escavação de

⁷⁷⁵ Gizela ENCARNAÇÃO, Carta em resposta ao nosso inquérito, realizado em Agosto de 2005 e dirigido a esta arqueóloga da Câmara Municipal da Amadora (CMA).

⁷⁷⁶ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 418.

⁷⁷⁷ *Idem*, ficha 419.

⁷⁷⁸ *Idem*, fichas 420-421.

⁷⁷⁹ *Idem*, fichas 98 e 99.

⁷⁸⁰ *Idem*, fichas 101-106.

⁷⁸¹ *Idem*, fichas 107-357.

⁷⁸² *Idem*, fichas 107-127.

⁷⁸³ *Idem*, fichas 128-325.

⁷⁸⁴ *Idem*, fichas 326-331.

⁷⁸⁵ *Idem*, fichas 332-357.

Estácio da Veiga (realizadas no Algarve entre 1876 e 1880), pelos exemplares adquiridos pelo fundador do Museu (José Leite de Vasconcelos), pelo mosaico de Ulisses (oriundo de Santa Vitória do Ameixial e levantado por Luís Chaves em 1915), pelos mosaicos de Torre de Palma (descobertos em 1947 e levantados sob a direcção de Manuel Heleno), pelos mosaicos provenientes de Tróia (cerca de uma centena de fragmentos) e ainda outros sem registo de proveniência.

Como já referimos, em 1988 a maioria dos fragmentos provenientes do Algarve, resultado do levantamento feito por Estácio da Veiga, foi transferida para um suporte ligeiro de resina epóxida. Esta intervenção alterou o aspecto e o desenho dos motivos nalguns dos conjuntos e provocou a desagregação de tesselas noutros. Destacamos o fragmento de Pedras d'El-Rei, que, conforme podemos ver na figura, se apresenta muito danificado, tendo perdido muitas das tesselas que continuam a desagregar-se.



Fig. 5 (a e b) - Mosaico de Pedras d'El-Rei, Tavira, Algarve. Antes e depois da intervenção de 1988 (1,10x0,60 cm)

Destes mosaicos intervencionados em 1988, escolhemos um núcleo de vinte e dois e procedemos a um estudo comparativo das dimensões, antes e depois do restauro. Verificámos que a intervenção feita ao nível do suporte do mosaico alterou as dimensões do tessellato. Quinze dos vinte e dois fragmentos intervencionados, viram aumentar as suas dimensões de 1 para 9 cm, no comprimento e de 1 para 3 cm, na largura. Cinco apresentam medidas inferiores depois de restaurados.⁷⁸⁶

Da colecção do Museu Nacional de Arqueologia, salientamos ainda o caso do mosaico de Martim Gil⁷⁸⁷, que foi restaurado e recebeu suporte de cimento armado em 1951, quando foi exposto no MNA. No início da década de 80 foi levantado e cortado em várias parcelas para ser depositado nas reservas do museu. O painel central figurativo, fragmentado em quatro partes, integra hoje a exposição “Religiões da Lusitânia”,

⁷⁸⁶ ABRAÇOS, 2008, pp. 69-74.

⁷⁸⁷ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, ficha 111.

inaugurada em 2002. Os restantes quarenta e dois painéis encontram-se nas reservas em muito mau estado. A oxidação da estrutura de ferro colocada no interior do suporte de cimento provocou a dilatação deste e a desagregação do tessellato.



Fig 6 (a e b) – Aspectos de dois painéis do mosaico, que mostram a desagregação do tessellato.

Actualmente, o Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, guarda apenas dois fragmentos de mosaicos que não apresentavam número de inventário, nem qualquer outro tipo de registo. As descrições apresentadas nos catálogos são sumárias, ou não correspondem aos dois fragmentos de mosaicos que ainda existem, pelo que não temos elementos suficientes, que nos possam dar a conhecer a proveniência exacta destas peças.⁷⁸⁸ Sabemos que após a morte de Possidónio da Silva (em 1896), os seus herdeiros reclamaram a colecção particular de artefactos aí depositados pelo seu familiar. Esta poderá ser uma justificação para o desaparecimento de alguns dos exemplares musivos. Desconhecemos ainda os preceitos de cedência de peças a outras instituições ou a colecções particulares.

Na reserva do Museu do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, encontra-se um fragmento de mosaico de Conímbriga (com o número de inventário 53912) emoldurado e decorado com um moinho de peltas e nó de Salomão ao centro, que foi oferecido em 1899 à Rainha D. Amélia pela Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, como forma de agradecimento pelo apoio moral e material à exploração arqueológica efectuada em Conímbriga. As escavações de 1899 trouxeram à luz alguns mosaicos, entre eles o painel oferecido à Rainha. O mosaico de onde foi retirado este fragmento encontra-se, desde a última remodelação do Museu Monográfico de Conímbriga, junto à portaria, na entrada das ruínas e pertencia à sala C6 da Casa de Cantaber.⁷⁸⁹

⁷⁸⁸ *Idem*, fichas 98-99. Sobre estes mosaicos *vide* também ABRAÇOS, 2005, pp. 241-245.

⁷⁸⁹ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, ficha 100.



Fig. 7 - Painel conservado no Museu do Palácio da Ajuda (77 x 77cm). Fotografia da autora, Junho 2003

Os mosaicos romanos em colecções de museus a Sul do Tejo

O Museu Municipal de Évora guarda uma pequena colecção de fragmentos de mosaico sem registo de proveniência⁷⁹⁰. Apenas sabemos que o mosaico com decoração ictiológica foi descoberto na Herdade da Fonte Coberta⁷⁹¹, o conjunto formado por dezenas de tesselas soltas provém do cemitério do Cabeção⁷⁹² e o conjunto de tesselas e fragmentos incaracterísticos são oriundos da Herdade das Casas, no Redondo⁷⁹³. Todos os fragmentos apresentam suporte original e nunca sofreram qualquer tipo de restauro.



Fig. 8 - Mosaico com decoração ictiológica do Museu Municipal de Évora.

O Museu Municipal de Estremoz tem alguns pequenos fragmentos de mosaico provenientes de Santa Vitória do Ameixial, que ficaram como amostra do trabalho realizado por Luís Chaves, em 1914, data em que muito provavelmente deram entrada no pequeno núcleo museológico ligado à Biblioteca Municipal.

O Museu-Biblioteca da Casa de Bragança de Vila Viçosa tem três mosaicos em exposição integrados no chão do Museu, um proveniente de Pardais, Vila Viçosa e dois

⁷⁹⁰ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 358-374.

⁷⁹¹ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 358.

⁷⁹² ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 373.

⁷⁹³ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 374.

do Monte do Meio, em Beja. Foram restaurados em 1996 pelo técnico de conservação de mosaico Manuel Henriques Santo de Conímbriga.⁷⁹⁴

O Museu Municipal de Elvas António Thomaz Pires possui na sua colecção alguns fragmentos de mosaico provenientes da Coutada do Povo, Arronches (mosaico policromo decorado com veado); da Quinta das Longas, Elvas (fragmentos incaracterísticos) e da Herdade Torre do Cabedal, Ciladas, Vila Viçosa (mosaicos com decoração ictiológica e motivos geométricos).

Os mosaicos provenientes da Herdade Torre do Cabedal⁷⁹⁵ foram intervencionados em 1989 pela CRESL, antiga empresa de restauro de Carlos Beloto. Receberam suporte ligeiro sintético e encontram-se em bom estado de conservação.

O Museu Regional Rainha D. Leonor, em Beja, guarda alguns fragmentos de mosaico descobertos na Mina de Algares, na Herdade da Calçada, na Herdade do Montinho, em Beringel, em Quintos e no Monte do Meio de São Brissos e ainda fragmentos de mosaicos que têm sido encontrados dentro da cidade de Beja, trazidos na sua maioria pela mão de Abel Viana.⁷⁹⁶ No claustro do edifício onde está instalado o museu, encontram-se expostos cinco mosaicos: o mosaico figurativo com a representação de Hércules, descoberto junto da mesma instituição em 28 de Março de 1958⁷⁹⁷; o mosaico decorado com nó de Salomão proveniente de Alvito; o mosaico do peixe e o mosaico da trança, provenientes da Herdade do Montinho, Quintos; o fragmento com hexágonos e florões ao centro, de proveniência desconhecida. No interior do museu, numa vitrina, encontra-se o mosaico decorado com vaso e arcos floridos. Um dos achados musivos, mais importantes, fez-se na cidade de Beja em Março de 1958 ao abrir-se uma extensa vala na rua existente entre o Mercado Municipal e o adro da Igreja da Conceição (Museu Regional). O levantamento, consolidação e restauro deste mosaico foi feito por Eduardo Arsénio, fiel de armazém deste Museu.

⁷⁹⁴ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 376 a) e b).

⁷⁹⁵ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 381-386.

⁷⁹⁶ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 387-400.

⁷⁹⁷ ABRAÇOS, 2005, Anexo 1, fichas 391.



Fig. 9 - Painei Hércules, descoberto em Beja, entre o Mercado Municipal e o adro da Igreja da Conceição, onde está instalado o Museu Regional (28 de Março de 1958).

Abel Viana⁷⁹⁸ defendia que não era necessário ter grande preparação para se proceder ao levantamento de pavimentos, pois era uma operação que estava muito longe de ser difícil, e de exigir operários especializados: «Sabemos, por experiência própria, que simples homens do campo são capazes de efectuar essa tarefa, desde que lha saibam explicar. E a operação além de fácil, pode ser levada a cabo com rapidez. Nenhum atraso apreciável aos trabalhos de lavoura em curso, ou outro prejuízo de maior, pode ocasionar aos donos dos terrenos o consentimento para a extracção de mosaicos nas suas propriedades.»⁷⁹⁹ Ao defender esta posição, Abel Viana permitiu que o levantamento do mosaico de Hércules tivesse corrido menos bem. No entanto, podemos dar o benefício da dúvida e questionar se a reconstituição foi feita aquando da transposição do mosaico para o museu, ou ainda na Antiguidade. Tudo depende se a

⁷⁹⁸ Abel Viana (1896-1964), natural de Viana do Castelo, concluiu o Magistério Primário em 1917, já depois de ter passado três anos no Rio de Janeiro. Em 1938 ocupou, em Faro, o lugar de Director do Distrito Escolar, seguindo depois para Setúbal e mais tarde, no início da década de 40, para Beja. Foi Delegado concelhio da 1ª e 2ª Subseccções da 6ª Secção da Junta Nacional de Educação, Secretário do Centro de Estudos do Baixo-Alentejo e Director-redactor do *Arquivo de Beja*, Vogal da Comissão de Arte e Arqueologia de Beja, bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi colaborador em periódicos e outras publicações nacionais e estrangeiras (FERREIRA, 1964, pp. 172-176).

Abel Viana tinha sido professor primário de Eduardo Arsénio e mais tarde como bolseiro do Instituto de Alta Cultura dedicou-se ao estudo e restauro de materiais arqueológicos, no Museu de Beja, na época dirigido por Francisco Bolinhas. Eduardo Arsénio executava os trabalhos de escavação sob a direcção de Abel Viana e frequentava a casa deste, onde estava instalado um laboratório de restauro de cerâmica e metais.

⁷⁹⁹ VIANA, 1959, pp. 37-38.

fotografia apresentada por A. Viana no *Arquivo de Beja*⁸⁰⁰ foi tirada *in situ* ou já depois de o mosaico ter sido transferido para novo suporte, no Museu.

O Museu Municipal de Portimão tem na sua colecção cinco fragmentos do mesmo mosaico encontrados no Vale da Arrancada-Cisternas, em Portimão, no ano de 1984. Foram consolidados e receberam novo suporte de cimento armado executado por Eduardo Arsénio⁸⁰¹. Para além destes, no museu existem ainda os mosaicos da *uilla* romana da Abicada que, porém, estão temporariamente depositados na instituição e carecem de restauro.⁸⁰²

O Museu Municipal de Arqueologia de Loulé guarda uma colecção de artefactos do período romano constituída por exemplares procedentes de uma zona da orla marítima, que o mar tem destruído e que é conhecida por Loulé Velho, onde se tem recolhido muitas tesselas e pequenos fragmentos incaracterísticos de mosaico.

Do espólio romano, que integra o Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira, destacamos o mosaico da Retorta, Loulé. Constituído por dois fragmentos que receberam suporte de cimento armado, mas com espessuras diferentes. Eduardo Arsénio interveio, a pedido de Varela Gomes, para adaptar as duas peças ao espaço museológico, de modo a que ficassem expostas ao mesmo nível. Nessa altura foram feitos alguns restauros lacunares. O mosaico está exposto numa moldura de cimento e o espaço entre placas foi preenchido com areia.

O Museu Municipal de Faro tem em exposição o mosaico de Oceano, encontrado em Faro no ano de 1976, pequenos fragmentos com tesselas de cor preta, branca e vermelha, provenientes do mesmo sítio, e outros oriundos de Milreu, em Estói. O mosaico de Oceano foi alvo de um recente estudo feito pela equipa do *Corpus dos Mosaicos do Sul de Portugal*, dirigida por J. Lancha, que aguarda publicação.

Do espólio romano do Museu Municipal de Lagos faz parte um mosaico proveniente da Boca do Rio, em Budens, no concelho de Vila de Bispo. Existem ainda neste Museu três fragmentos de mosaico descobertos e levantados por José Formosinho na Abicada, em Portimão. Em 1935, o arqueólogo pretendeu levantar um mosaico da estação

⁸⁰⁰ *Idem*, estampa I.

⁸⁰¹ ABRAÇOS, 2005, Anexo I, ficha 401.

⁸⁰² Os dados da ficha de inventário destes mosaicos foram fornecidos pelo director do projecto do Museu, Dr. José Gameiro.

arqueológica da Abicada, mas mais uma vez por falta de verba, o destacamento foi adiado. Quando o foi extrair, já em 1937, encontrava-se muito destruído, conseguindo apenas aproveitar dois fragmentos que levou para o museu de Lagos.

O Museu de sítio de Vilamoura além de muitas tesselas avulsas, guarda um conjunto de desenhos de Eduardo Arsénio feitos ainda nos anos setenta do século XX, quando iniciou o restauro dos mosaicos que se encontram *in situ*.

Conclusão

Os registos fotográficos, os desenhos, os cadernos de campo, a correspondência e qualquer outro tipo de documento conservados nos Museus são indispensáveis ao estudo do mosaico, principalmente quando os originais desapareceram ou se degradaram pela inclemência do tempo ou pela intervenção humana.

Procurámos, neste estudo, apresentar alguns dos mosaicos nas colecções de museus e mostrar o empenho de todos aqueles que procuraram proteger e preservar estas peças, embora, no que diz respeito ao levantamento e à conservação e restauro, nem sempre algumas das intervenções tenham corrido da melhor maneira.

Bibliografia

ABRAÇOS, 1999 – Maria de Fátima ABRAÇOS. «Contributo para a História e inventário dos mosaicos romanos». in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 17, Lisboa, pp. 345-397.

ABRAÇOS, 2005 a – Maria de Fátima ABRAÇOS. «Para a História da Conservação e Restauro do Mosaico Romano em Portugal. Manuel Heleno e a equipa de restauro de mosaicos do *Opificio delle Pietre Dure* de Florença». in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 23, Lisboa, pp. 417-435.

ABRAÇOS, 2005 b – Maria de Fátima ABRAÇOS. «Os Mosaicos Romanos». in *Construindo a Memória – As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: AAP/MAC, pp. 241-245.

ABRAÇOS, 2005 c – Maria de Fátima ABRAÇOS. *Para a História da conservação e restauro do mosaico romano em Portugal*. I-III. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.

ABRAÇOS, 2008 – Maria de Fátima ABRAÇOS. «Conservation et restauration des mosaïques romaines au Portugal – Quelques exemples dans les collections de musées». in *Proceedings. Lessons learned: reflecting on the Theory and practice of mosaic conservation*. The 9th Conference of the International Committee for the Conservation of Mosaics. 2005. Tunisia: Getty Publications, pp. 69-74.

ABRAÇOS, 2010 – Maria de Fátima ABRAÇOS. «The team of Opificio delle Pietre Dure of Florence and the lifting, consolidation and restauration of the mosaics of the roman villa of Torre de Palma, Portugal». in *Ravenna Musiva. Conservazione e restauro del mosaico antico e contemporâneo. Atti del primo convegno internazionale Ravenna. 22-24, ottobre 2009*, Ravenna, pp. 187-206.

CAETANO, 1997 – Maria Teresa CAETANO. *Musivária Olisiponense – Mosaicos Romanos de Olisipo e da «Zona W» do Ager*. Tese de Mestrado em História da Arte da Antiguidade. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado.

CARDOZO, 1985 – Mário CARDOZO. *Catálogo do Museu de Arqueologia Martins Sarmiento*. 3^a ed., Guimarães.

FERREIRA DE ALMEIDA, 1972 – Carlos Alberto FERREIRA DE ALMEIDA. «Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal». in *Revista da Faculdade de Letras*, 3. Porto: Universidade do Porto, pp. 113-136.

FERREIRA, 1964 – V. FERREIRA. «Necrologia». in *Revista de Guimarães*, LXXIV. Guimarães, pp. 172-176.

LEITE DE VASCONCELOS, 1903 – José LEITE DE VASCONCELOS. «Notícias Várias». in *O Archeólogo Português*, VII. Lisboa, pp. 146-149 e 284.

LEITE DE VASCONCELOS, 1915 – José LEITE DE VASCONCELOS. *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

LEITE DE VASCONCELOS, 1918 – José LEITE DE VASCONCELOS. «Braga romana». in *O Archeólogo Português*, XXIII. Lisboa, pp. 356-360.

OLEIRO, 1973 – João Manuel Bairrão OLEIRO. «Mosaicos de *Conimbriga* encontrados durante as sondagens de 1899». in *Conimbriga*, 12. Coimbra, pp. 67-158.

OLIVEIRA, 1998 – E. P. OLIVEIRA. *Estudos de Arqueologia de Braga e do Minho*. Braga: Edições APPACDM.

PEREIRA, 1934 – Gabriel PEREIRA. *Estudos diversos: Arqueologia. História. Arte. Etnografia*, II parte. Colectânea organizada e anotada por João ROSA. Coimbra: Imprensa Universitária, pp. 79-83.

RIGAUD DE SOUSA, 1973 – J.J. RIGAUD DE SOUSA. «Subsídios para a Carta Arqueológica de Braga». Sep. *Studia Archeologica*, 23, Santiago de Compostela.

RUSSEL CORTEZ, 1946 – Fernando RUSSEL CORTEZ. «Mosaicos Romanos no Douro». Sep. *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, Porto.

VIANA, 1959 – Abel VIANA. «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo». in *Arquivo de Beja*, XV, Beja, pp. 21-24.

La recreación imaginaria del Paraíso fue un tópico común en la cultura romana. En forma de vergel, de jardín, de agua, de monte o de río, reconstruir ese estado ideal del porvenir era para los romanos un asunto de vital trascendencia. Así lo demuestran la calidad y cantidad de obras de arte que nos han legado representaciones de lo más variadas y valiosas sobre esta iconografía. La cultura visual que se puede reconstruir aldededor de esta utopía cultural y artística enriquece nuestro conocimiento del universo espiritual y material antiguo.

La presente obra es un excelente recopilatorio de algunas de las mejores obras que han ayudado a difundir este tema y a situarlo en el centro de la problemática científica especializada sobre mosaicos romanos en Hispania. Firmados por algunos de los mejores especialistas sobre musivaria romana a nivel internacional, estos trabajos conforman un único discurso que – gracias a los distintos enfoques que cada uno de los autores imprime en su texto – resultan ya una referencia ineludible para todo aquel que pretenda un conocimiento exhaustivo y metódico de la representación del Paraíso en los mosaicos de la Hispania romana.

Jorge Tomás García

(IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)